

# A psicomotricidade na prevenção das dificuldades no processo de Alfabetização e Letramento

Liliana Azevedo Nogueira

Doutoranda em Engenharia da Informática na Sociedade da Informação e do Conhecimento – UP Salamanca/ Espanha  
Professora do Curso Normal Superior do ISE/CENSA

Luzia Alves de Carvalho

Doutoranda em Sociologia-UP Salamanca/ Espanha  
Coordenadora do Curso Normal Superior do ISE/CENSA

Fernanda Campos Lima Pessanha

Sâmela Carneiro Tavares Lima  
Scholarship holders

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apontar os resultados da pesquisa desenvolvida numa escola no Município de Campos dos Goytacazes, que investiga a influência do aspecto psicomotor na etapa de alfabetização, considerando as habilidades corporais e motoras como pré-requisitos essenciais para o desenvolvimento do ato gráfico e aquisição dos conceitos de leitura e escrita.

O trabalho apresenta as características e as defasagens corporais das crianças, apontando caminhos através da prática psicomotora em sala de aula, para reduzir as taxas de fracasso escolar e analfabetismo.

Destaca, ainda, os dados de observação de 20 alunos, focalizando o seu perfil psicomotor e, também, entrevistas com 20 professoras, analisando suas concepções sobre a relação entre alfabetização e psicomotricidade.

O trabalho tece considerações sobre a importância da formação profissional do professor, a fim de que este seja capaz de criar estratégias e atividades para diagnosticar as dificuldades que surgem na etapa de alfabetização, auxiliando no desenvolvimento das potencialidades ou na diminuição das defasagens evidenciadas por seus alunos, o que possibilitará um processo de alfabetização e letramento efetivo e qualitativo.

## Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro  
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ  
Telefone: +55 (22) 2726.2727  
Fax: +55 (22) 2726.2720  
[www.isecensa.edu.br](http://www.isecensa.edu.br)  
e-mail: [isecensa@isecensa.edu.br](mailto:isecensa@isecensa.edu.br)

## Palavras-chave:

*Alfabetização, Letramento, Habilidades Psicomotoras, Formação do Professor, Prática Psicopedagógica*

# Pyscomotricity to prevent difficulties in the literacy process

Liliana Azevedo Nogueira

Coursing Doctorate in Computer Engineering in the Information and Knowledge Society – UP Salamanca / Espanha

Luzia Alves de Carvalho

Coursing Doctorate in Sociology - UP Salamanca/ Espanha

Coordinator of the Normal Superior Course - ISE/CENSA

Fernanda Campos Lima Pessanha

Sâmela Carneiro Tavares Lima

Scholarship holders

## Abstract

The following work has the aim to point the results of a research developed in a public school in Campos dos Goytacazes. This work was done in the last eight months, investigating the influence of the psychomotor aspect in the process of literacy, considering the motor and physical abilities as essential pre-requirements for the development of the graphic performance and the acquisition of reading and writing concepts.

The work presents the physical characteristics and deficiencies of children, pointing out ways through psychomotor practice in the classroom in order to reduce the rates of schooling failure and illiteracy.

It also highlights observation data of twenty students, focusing on their psychomotor profiles, as well as interviews with twenty teachers, analysing their conceptions about the relation between literacy and psychomotricity.

The work has considerations about the great importance of the professional formation of the teachers, in order to enable them to create strategies and activities to diagnose difficulties that appear in the process of literacy, helping in the development of potentialities or in the decreasing of deficiencies demonstrated by their students.

It can make the process of literacy effective and qualified.

## Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro  
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ  
Phone number: +55 (22) 2726.2727  
Fax: +55 (22) 2726.2720  
[www.isecensa.edu.br](http://www.isecensa.edu.br)  
e-mail: [isecensa@isecensa.edu.br](mailto:isecensa@isecensa.edu.br)

## Key works:

*Literacy, psychomotor abilities, teacher formation, psychopedagogical practice*

## Introdução

Este artigo é o resultado da pesquisa sobre “Psicomotricidade: um instrumento eficaz no processo de alfabetização e letramento”, que foi realizada durante oito meses com o apoio dos Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora – ISE-CENSA.

O estudo foi motivado pela percepção das profundas dificuldades que as crianças, principalmente na etapa de alfabetização, vêm demonstrando na construção da lecto-escrita e como essas dificuldades podem estar associadas a distúrbios e a defasagens corporais, no que se refere à organização e domínio do espaço.

A presente pesquisa volta-se para a temática da importância de se trabalhar os pré-requisitos psicomotores nas classes de educação infantil, como instrumentos essenciais para a construção significativa do conceito de escrita e diminuição das taxas de analfabetismo dos alunos. Objetiva: detectar as defasagens psicomotoras de crianças de uma escola; ressaltar a importância dos movimentos corporais na aquisição da escrita e identificar os múltiplos aspectos psicomotores que influenciam o processo de alfabetização.

Os sujeitos-objeto da pesquisa consistiram em 20 professores e 20 alunos de uma Escola da educação infantil e 1º ano de escolaridade básica. Este estudo se efetivou ao longo de oito meses no ano de 2003. A abordagem teórico-metodológica utilizada caracterizou-se pela pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação que se realizou através de entrevistas, questionários, anamneses e avaliações psicomotoras com as crianças a fim de diagnosticar suas potencialidades e defasagens corporais, construindo o perfil psicomotor das mesmas.

Os professores também participaram de entrevistas e questionários expressando

seus conceitos sobre alfabetização psicomotricidade e a importância destes para o letramento.

A relevância social desta pesquisa consiste em mais uma tentativa de diminuição do fracasso escolar nas séries iniciais da escola básica, através do resgate das habilidades psicomotoras. Tem como intuito criar estratégias e recursos para que o processo de alfabetização seja mais prazeroso do que mecânico, mais construtivo do que repetitivo, mais reflexivo e significativo para a criança, que dessa forma realmente descobrirá a verdadeira função social da língua escrita.

Os resultados da pesquisa mostram as características psicomotoras das crianças de 3 a 7 anos; as defasagens psicomotoras que evidenciaram e como estas influenciam na construção do conceito e no desempenho na leitura e escrita. Outro aspecto evidenciado consiste na apresentação das concepções que os professores possuem sobre os conceitos de alfabetização, psicomotricidade, letramento e construtivismo; bem como a necessidade de desenvolver uma prática psicomotora a fim de prevenir dificuldades no processo de alfabetização. Sabemos que a psicomotricidade antigamente tinha um caráter clínico e seus estudos estavam voltados para a patologia (Fonseca, 1996). No entanto, hoje, os profissionais da área da pedagogia (ensino regular e especial) ressaltam a grande relevância da motricidade ou da psicomotricidade em diferentes contextos e em diferentes faixas etárias, principalmente na etapa compreendida desde o nascimento até os sete ou oito anos de idade. É importante destacar que, nesta etapa, se constroem alguns conceitos básicos, referentes ao pensamento lógico e às habilidades de leitura e escrita.

A este respeito Oliveira (1997) afirma que *“a educação psicomotora deve ser considerada uma educação de base na educação infantil.*

*Ela condiciona os aprendizados escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situação no espaço, a dominar seu tempo, a adquirir habilidades de seus gestos e movimentos”.*

Pesquisas atuais no campo da educação têm mostrado que os níveis de alfabetismo funcional em nosso município e no país inteiro têm aumentado. Verifica-se que sempre existem alunos que não acompanham o ritmo acadêmico dos colegas em sala de aula, o que leva professores a encaminhá-los para diversas clínicas especializadas, que os rotulam como “doentes”, incapazes e/ou preguiçosos. Na verdade, algumas dessas dificuldades poderiam ser detectadas e resolvidas dentro da própria escola.

## II. Dados relevantes da pesquisa

### 2.1. Concepção dos professores sobre a alfabetização

Iniciamos a pesquisa realizando entrevistas com 20 professoras, sobre sua concepção a cerca do processo de alfabetização. Nota-se que a maioria das professoras não possui estudos regulares superiores na área de sua profissão, alegando falta de oportunidade e de recursos para realizá-los. Uma minoria na época (2003) estava cursando o Curso Normal Superior, devido à oportunidade de bolsas oferecidas pela prefeitura de Campos, através do convênio com o ISECENSA atendendo às normas previstas da nova LDBEN-96, em seu artigo 63.

Observamos que as professoras, inicialmente, resistiram em responder à entrevista, tendo como justificativa a grande dificuldade nos estudos, a compreensão das perguntas e a falta de tempo.

A maioria, 80%, trabalhava 40 horas semanais e se queixa da falta de recur-

sos materiais, capacitação e baixos salários, além da baixa estima. Após a nossa insistência, aceitaram responder à entrevista, referente às concepções de alfabetização.

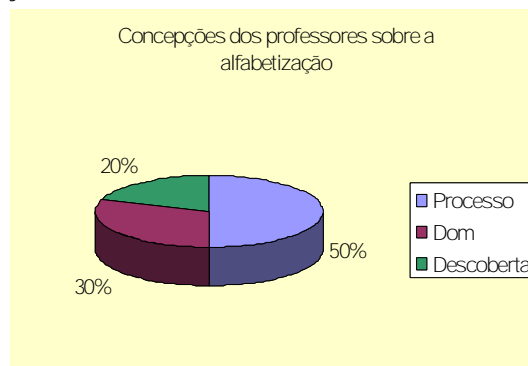


Fig. 01: Algumas concepções dos professores sobre alfabetização

Percebemos que 50% das professoras conceberam a alfabetização como processo, mas não caracterizaram os elementos que o compõem.

Citamos abaixo alguns depoimentos das professoras entrevistadas:

“Alfabetização é um processo em construção que, para mim, não se resume em apenas um ano de escolaridade”.

“Na minha concepção a alfabetização é um processo de iniciação de tudo, pois todas as crianças devem buscar e descobrir a leitura fazendo a interpretação do que lêem”.

Outras 20% referiram-se à alfabetização como descoberta, a criança desabrocha ou estoura como um milho de pipoca. Esta concepção errônea sobre o construtivismo interpretado como um método, é devido à falta de informação dada aos professores ou, talvez, à má interpretação destes acerca de suas bases epistemológicas.

Na verdade, o construtivismo não é um método, mas uma postura diante do conhecimento que deve ser construído a

partir da ação e da relação dos sujeitos com a realidade emergente no mundo. A proposta construtivista é baseada na contextualização dos saberes escolares e os saberes da vida.

Capovilla (2002) afirma que o grande equívoco do construtivismo foi a falta de preparo dos educadores, que querem usá-lo como um método para alfabetizar. Diante disso descartaram a sistematização e valorização de aspectos fundamentais como consciência fonológica, os movimentos gráficos das letras e a contextualização de experiências nesse processo.

Não podemos deixar de destacar os 30% que consideraram a alfabetização como dom, o que é evidente no discurso da professora abaixo:

“A alfabetização é um processo mágico. Diria que começa a partir do nascimento, quando a criança a cada dia aprende algo que é novo, necessitando de um mediador. Portanto, o primeiro lugar de alfabetização é a família”.

As palavras desta professora mostram a incoerência, o desconhecimento da verdadeira proposta da alfabetização, considerado como um processo mágico, nos remetendo-nos ao mito da caverna, quando os gregos, não tendo respostas e nem ações concretas para situações inesperadas, as definiam como divinas e místicas. Isso demonstra o desconhecimento de muitos professores dos princípios básicos da etapa da alfabetização que se inicia quando nascemos e nunca termina.

Outro aspecto relevante observado por nós é que muitos professores, apesar de atuarem na área de alfabetização, só 45% se consideram competentes enquanto os outros 55% afirmam não terem recebido formação para esta tarefa.

Percebe-se que os professores de uma determinada época receberam uma

formação muito técnica, sem relação entre teoria e prática, pois no seu discurso enfatizaram muito a prática, descartando a validade da teoria. Isto fica claro na oralidade das professoras:

“Sinto muita insegurança nos passos a seguir”.

Sabemos que a maioria dos cursos de formação de educadores trabalha conteúdos muito teóricos não possibilitando uma reflexão sobre a prática, o que gera insegurança na hora de praticar, na hora de ensinar e de criar estratégias para estimular a aprendizagem da língua escrita e dos diversos conteúdos.

Outros professores que estavam cursando o Curso Normal Superior mostraram uma visão mais ampla sobre a sua preparação para alfabetizar, deixando claro, em seus depoimentos, a importância da relação entre teoria e prática e de um pensar reflexivo sobre o dia-a-dia na sala de aula, com seus imprevistos e surpresas..

“No meu Curso Normal Superior a cada dia estou me sentindo cada vez mais preparada, pois estudamos disciplinas que dão uma visão teórico-prática da alfabetização, tais como: Psicogênese que trabalha níveis de leitura e escrita, o contato com recursos escritos; Psicopedagogia que nos apresenta as dificuldades que podem surgir no decurso da alfabetização, e Psicometricidade que nos apresenta jogos que desenvolvem o equilíbrio corporal e a coordenação dos movimentos. Essas disciplinas e outras nos ajudam a refletir sobre os desafios que encontramos no ato de alfabetizar, nos apontando estratégias para trabalhar com mais criatividade e segurança”.

Neste sentido, é relevante destacar que o investimento na formação profissional é essencial e que não pode ser apenas teórica, distante das dificuldades que os professores encontram nas salas de aula, mas deve estar baseada numa articulação teórico-prática, discutindo nas universidades, questões reais do campo educacional, refletindo-as à luz de novas teorias, tendo em vista a melhoria da qualidade das condições de ensino-aprendizagem.

Respostas ao questionário destacaram como pré-requisitos fundamentais para a alfabetização: interação (50%), a decodificação (30%), as habilidades psicomotoras (30%), a decodificação (30%), a interpretação (20%), o ambiente alfabetizador (20%) e o desenvolvimento cognitivo (15%).

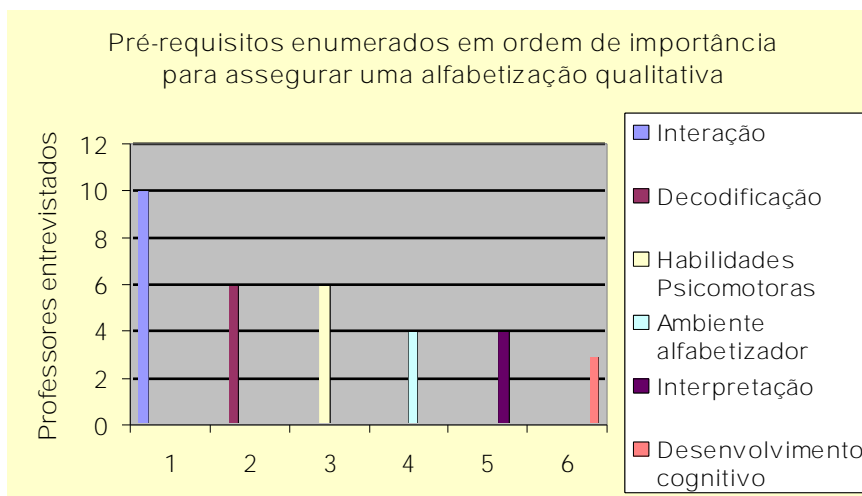


Fig.02: Pré-requisitos considerados pelos professores para o processo de alfabetização

Percebe-se, também, no discurso das professoras, uma desvalorização da teoria e da fundamentação científica e uma grande ênfase na prática como aspecto fundamental para alfabetizar. Quando indagadas sobre os pré-requisitos que consideravam essenciais para uma alfabetização de qualidade, elegeram a interação (troca de experiências entre professor-aluno), desconsiderando a questão da lin-

guagem e do raciocínio-lógico, tão essenciais quanto o desenvolvimento corporal para o processo de aprendizagem.

“Para que a alfabetização ocorra de forma positiva, professor e aluno precisam partilhar aprendendo e ensinando”. Todos ensinam e todos aprendem praticando. Tudo se aprende é na prática” (professora).

Fica evidente nos depoimentos de muitos professores, que a educação e a alfabetização ainda são vistas como uma “vocação sacerdotal” e não como uma profissão. No entanto, hoje vivemos num novo paradigma, no qual o ofício do professor tem sido considerado como uma profissão.

Para confirmar as concepções evidenciadas por muitos professores acima,

90% dos professores entrevistados afirmaram que não receberam formação nos seus cursos de magistério em nível médio para alfabetizar. Estas afirmaram que, nos seus cursos, a ênfase era muito

grande na prática voltada para o ensino fundamental (1º. e 2º. ciclo). Apenas 10% disseram que receberam uma formação básica ou, então, fizeram o antigo curso adicional, que antes era considerado uma especialização na área de educação infantil. A maioria, em seus depoimentos, deixou claro que aprendeu a alfabetizar na prática cotidiana, sem muita preocupação com as teorias novas e inovações de estratégias ligadas a esta área de conhecimento.

Indagadas sobre que autores lhes inspiravam a alfabetizar, as professoras focalizaram autores de tendência construtivista e sócio-construtivista: Ferreiro, Piaget e Vygotsky.

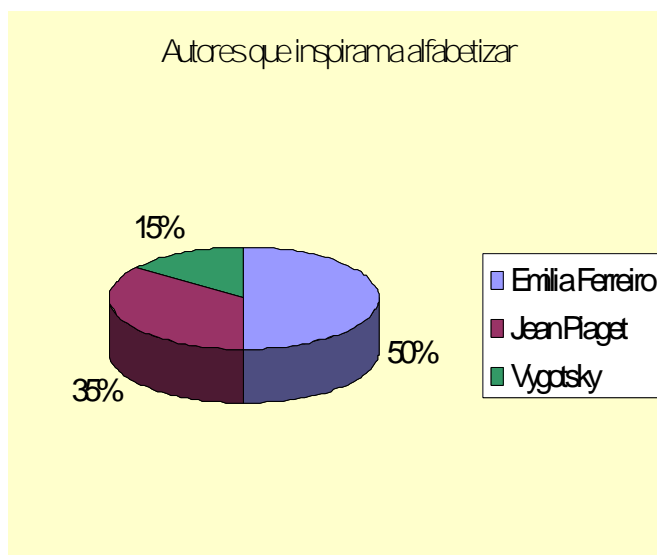


Fig. 03: Autores que os inspiram a alfabetizar

Na verdade é evidente a confusão que os professores fizeram entre tendência ou abordagem e método de alfabetizar. Na verdade insistem em usar o construtivismo como método para alfabetizar, esquecendo-se de que construtivismo é uma proposta, uma postura diante do processo de ensino-aprendizagem, que põe em relevo o pensar, a lógica do aluno, valorizando a troca de experiências.

É neste ponto que se encontra o grande equívoco, pois a falta de clareza quanto ao processo alfabetizador tornou-o sem objetivos claros e definidos, o que trouxe e traz conseqüências sérias como a grande quantidade de crianças de 10 a 15 anos analfabetas funcionais nas classes do ensino fundamental (2º., 3º., 4º.anos ... do 1º. E 2º.ciclo).

As professoras não citaram autores como Capovilla, Ana Teberosky e Ana Maria Kaufman, que descrevem o processo de alfabetização como a articulação entre

todas as dimensões do sujeito: cognitivas, relacionais, lingüísticas e psicomotoras.

Constata-se que os professores não possuíam um conhecimento efetivo do processo de alfabetização e letramento, considerando-o como uma prática mecânica, voltada para o aprender-fazendo e não para o aprender descobrindo e pensando sobre sua experiência e sobre a realidade emergente no mundo. Muitas afirmaram que participavam de cursos, no entanto alegavam que estes não atendiam e nem respondiam às dúvidas, aos problemas existentes no âmbito escolar.

Constata-se que, as taxas de evasão e analfabetismo crescem a cada dia. A proposta de aprovação automática segundo as professoras, só servia para disfarçar o fracasso escolar, pois as crianças eram promovidas sem saber ler e escrever.

Diante desses dados coletados, nota-se que para reverter essa situação, é essencial investir na formação dos educadores, para que estes estejam preparados para acolher todo tipo de aluno, auxiliando-os em suas defasagens, e identificando as sérias dificuldades que eles trazem.

Nesta pesquisa não se pretendeu que a escola e os professores recuperassem as crianças, mas que conhecessem as habilidades psicomotoras que são pré-requisitos para a aquisição da lecto-escrita. Assim, poderiam trabalhar com as crianças, a fim de que desenvolvessem capacidades gráficas e motoras importantes à alfabetização.

## 2.2. Avaliação das habilidades psicomotoras em crianças de 3 a 8 anos.

Observando as crianças enquanto estavam na sala de aula ou brincando no recreio, verificamos que havia crianças que

brincavam, corriam e participavam de jogos e na sala de aula não apresentavam nenhum problema de postura, de atenção, liam e escreviam sem dificuldades, conheciam a noção de tempo e espaço.

Também percebemos que havia crianças diferentes, embora tivessem uma inteligência normal. Essas eram “desastradas”, derrubavam tudo quando passavam, possuíam movimentos lentos, pesados, não se organizavam na carteira, seus estojos e lápis viviam caindo das suas mãos, tinham dificuldades em participar de jogos. Nas salas de aula não seguravam corretamente o lápis, apresentavam letra ilegível, às vezes escreviam com tanta força que rasgavam o papel, não conseguiam manusear uma tesoura, pulavam letras quando liam e copiavam do quadro.

Conversamos com as professoras e elas se indagavam sobre o que exatamente se passava com as crianças que tinham essas atitudes? Além disso, nos indagamos ainda sobre o que tornava as primeiras crianças mais capazes de agir no meio? O que se poderia fazer para ajudar as crianças com essas defasagens? Qual seria o perfil psicomotor fundamental para uma aprendizagem mais qualitativa?

Diante dessas indagações, analisamos um grupo de vinte crianças, dez do sexo masculino e dez do sexo feminino, da faixa etária de 4 a 8 anos. Seu nível de escolarização é do 2º período da Educação Infantil até o 2º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental de uma escola.

Com o objetivo de tecer mais detalhes da história pessoal das crianças, inicialmente tivemos uma conversa com as professoras destas crianças e analisamos as fichas e os registros escolares destas. Esclarecemos a proposta de trabalho, que era investigar as dificuldades psicomotoras apresentadas pelas crianças e construir um perfil psicomotor destas.

A proposta não se tratava de um trabalho de reforço curricular ou reeduca-

tivo, mas a uma avaliação das habilidades ou defasagens evidenciadas pelas crianças. Através de jogos criativos e corporais buscamos descobrir o desempenho corporal da criança e sua relação com o processo de construção da lecto-escrita, oferecendo alternativas para a aquisição de novas condutas.

De posse dos dados, avaliamos cada criança individualmente, no que se refere à construção da imagem corporal e às habilidades psicomotoras (coordenação global, fino, viso-motora, esquema corporal, organização espacial, organização temporal, discriminação visual, discriminação auditiva, lateralidade).

O corpo é o ponto de partida para a construção da personalidade e, assim, para a construção da lecto-escritura. Partindo desta concepção, iniciamos nossa investigação a partir da sondagem da imagem visual do corpo de cada criança. De acordo com Le Boulch (1982), *é através das relações mútuas do organismo e do meio que a imagem do corpo organiza-se como núcleo central da personalidade. A atividade motora e sensório-motora, graças à qual o indivíduo explora e maneja o meio, é essencial na sua evolução*”.

Uma avaliação permite constatar os progressos realizados pela criança na conquista de uma imagem fiel a seu corpo: o desenho da figura humana.

Fizemos algumas atividades com as crianças enfocando sua figura, sua ima-



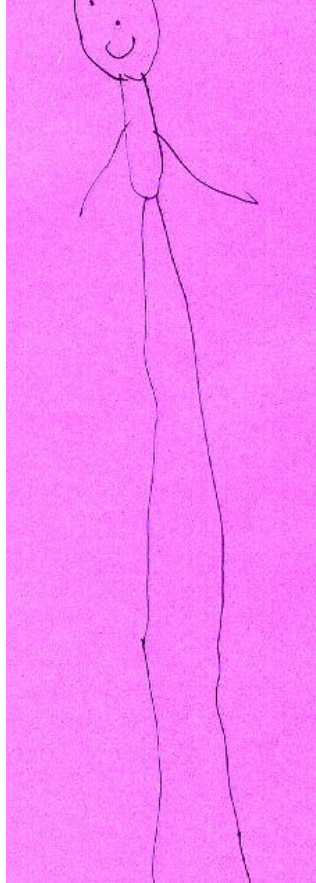
gem utilizando vários materiais, entre eles o espelho e depois desenharam seu corpo, selecionamos alguns desenhos para serem mostrados:

Fig.04: Desenhos infantis da figura humana



Fig.04B:  
Desenhos infantis da  
figura humana  
(8) anos

Estes registros  
foram elaborados por  
crianças que  
apresentavam  
dificuldades na escola  
e que ainda não  
conseguiam dominar  
os sons das letras,  
evidenciando  
dificuldade na grafia e  
na leitura de palavras.



Nos registros as crianças evidenciavam dificuldade em registrar a figura humana, pois ainda não representavam os detalhes do próprio corpo, só apresentando os elementos mais perceptíveis, tais como: cabeça e membros superiores e inferiores, quando já deveriam se preocupar com os detalhes característicos de seus corpos.

A partir dos estudos sobre o conceito de imagem visual do corpo apresentados por Le Boulch (1982), construímos um quadro de características da Evolução da Imagem Visual do Corpo, baseado nas idéias do autor e também em crianças que não apresentam dificuldades de aprendizagem.

### 3 ANOS

- Primeira representação figurada, criança se reconhece nos movimentos circulares que realiza.
- Elabora uma figura circular com linhas irregulares feitas no interior do círculo.
- Movimentos globais, tenta organizar os traços em si mas não entre si.

### 3 ½ ANOS

- Desenha um círculo com os olhos, o nariz, a boca.
- A criança acrescenta ao círculo dois traços que representam os membros inferiores.
- Desenha os membros inferiores primeiro, embora os superiores, as mãos, sejam os primeiros segmentos que a criança descobre e utiliza.

### 4 ANOS

- Representa a cabeça, os olhos, a boca, as orelhas, o nariz e, às vezes, o cabelo.
- Com um segundo círculo representa o tronco de onde partem os membros.

### 5 ANOS

- Surgimento da figuração das mãos e pés, dos dedos da mão. Estes aparecem sobre forma de traços e os pés são desproporcionais ao corpo.
- Dedos das mãos dispõem-se em raios de roda a partir das extremidades dos braços.
- Os membros superiores estão representados por duas linhas partindo do tronco e da cabeça.

### 6/8 ANOS

- Nesta etapa a imagem do corpo adquire suas características fundamentais, mas a precisão e a variedade de detalhes difere de uma criança para outra.
- Outra característica é a representação do pescoço, só registrada pela criança depois da sua organização corporal e percepção do seu corpo no espaço.

Fig.05: Construção da Imagem visual da criança segundo Le Boulch (1982)

Ao comparar os registros corporais das crianças com os estudos de Le Boulch (1982) e com os desenhos de crianças com sucesso na alfabetização, percebemos que as crianças que apresentavam figuras corporais muito aquém da sua idade, também evidenciavam muitas dificuldades no processo de alfabetização. Observamos que a criança que representou seu corpo de maneira dissociada e sem uma organização detalhada dos elementos corporais, também evidenciava dificuldades na representação de outros objetos, tais como letras e números.

Isso acontece porque, como não conseguem representar o próprio corpo, também não conseguem perceber e representar o mundo que o cerca. A este respeito Le Boulch (1982) afirma que a percepção do corpo ajuda no controle tônico, na atenção e nas funções perceptivas, competências básicas para a alfabetização. É essencial destacar que, no ato psicomotor, há sempre a participação da inteligência, através da intencionalidade e do comando da ação que se realiza.

Diante dessas constatações perguntamos às professoras que tipo de atividades faziam para possibilitarem as crianças a conhecerem mais seu corpo e elas disseram que mostravam apenas as figuras humanas para as crianças e trabalhavam a nomenclatura das partes corporais.

Segundo Le Boulch (1982) “o exercício metódico no treinamento entre o exterior e o próprio corpo é uma das debilidades de nossa concepção educativa. Muitos educadores acreditam que a descoberta do corpo deverá fazer-se pelos livros e pelos modelos externos e não pela experiência vivida e sentida através da própria atividade”. E essa crença típica da moda dos métodos audiovisuais, reforça ainda mais esta forma de educação dirigida ao exterior e à imagem, trazendo grandes malefícios para a constituição corporal e afetiva dos sujeitos, proporcionando grandes conseqüências para o seu

processo de alfabetização e aprendizagem ao longo da vida.

Posteriormente à sondagem da imagem visual das 20 crianças, iniciamos a avaliação das habilidades psicomotoras, entre elas: a coordenação global, coordenação fina, coordenação viso-motora, esquema a corporal, organização espacial, organização temporal, discriminação visual e auditiva.

No que se refere ao desempenho na coordenação motora, realizamos com as crianças atividades com materiais muito acessíveis que podem ser usados por qualquer professor. Usamos como material auxiliar: banco de 15cm; corda de 2m; elástico; caixas de vários tamanhos; cestas de vários tamanhos, bolas grandes e pequenas, giz e jogos de encaixe.

A coordenação global refere-se à atividade dos grandes músculos e ajuda no desenvolvimento do equilíbrio postural, na dissociação dos movimentos e na realização de movimentos simultâneos, tais como: boliche, amarelinha, acertar a bola na lixeira que implicam na coordenação de vários músculos. A coordenação global é a habilidade que se desenvolve na família. Entretanto, atualmente, devido à falta de tempo dos familiares, as crianças vêm evidenciando, na escola, problemas motores que muitas vezes não são detectados e trabalhados na escola, o que atrapalha a aprendizagem das mesmas.

Na pesquisa percebemos que o desempenho das crianças foi satisfatório (desempenho alto), pois 70% das crianças conseguiram realizar bem as atividades relacionadas a agarrar bolas, saltar numa perna só, equilibrar-se num banco e numa linha reta ou curva.

As outras 30% tiveram básico desempenho regular (baixo) em ordenar objetos e blocos e realizar dois comandos simultâneos. Percebemos que estas crianças com desempenho regular (baixo) na coordenação global evidenciaram defasagens no que diz respeito à falta de controle corporal, problemas de postura, cansaço excessivo nos mo-

mentos de escritas e leitura e ainda a fragmentação dos movimentos corporais e gráficos.

Isso acontece porque a criança não realiza automaticamente os movimentos e não consegue coordená-los, o que torna mais lenta a realização das tarefas. De acordo com Oliveira (1997) quanto mais automatizado e natural for o movimento, mais rápido será o pensamento implicado na ação em questão.

As crianças também realizaram atividades referentes à coordenação fina e o controle ocular, isto é, a visão acompanhando os movimentos da mão, chamada coordenação viso-motora.

Segundo Ajuriaguerra (in Condemarán e Chadwick, 1987), o desenvolvimento da escrita depende de diversos fatores: maturação geral do sistema nervoso, desenvolvimento psicomotor geral em relação à tonicidade e a coordenação dos movimentos e desenvolvimento da motricidade fina dos dedos e mãos.

Apenas 50% das crianças conseguiram realizar todas as atividades, evidenciando uma grande dificuldade em realizar atividades que envolviam o uso simultâneo das mãos e olhos (coordenação óculo-manual). Outra dificuldade muito evidente está relacionada ao movimento de preensão; 60% seguravam incorretamente o lápis ou o hidrocor. Oliveira (1997) afirma que é, através do movimento de preensão, que a criança descobre os objetos e que a mão é um instrumento a serviço da inteligência. Tanto o movimento de preensão quanto o controle da pressão gráfica sobre o lápis e o papel, são essenciais para a criança responder às exigências de precisão na forma das letras e a rapidez de execução.

Percebemos que as crianças apresentavam grande lentidão nas tarefas que exigiam coordenação viso-motora, por isso demoravam muito para realizar registros do quadro e cópias.

Avaliamos ainda o esquema corporal. Este está relacionado ao conhecimento e

organização do corpo, dos objetos e do domínio dos gestos. Está interligado também à coordenação global e fina. As crianças investigadas demonstraram algumas defasagens no esquema corporal: 50% apresentaram lentidão na realização de gestos harmoniosos simples, como abotoar roupas, fechar o zíper, jogar bola, elas não planejavam seus gestos ao agir. Quando estavam diante da folha do caderno não obedeciam aos limites do papel, não respeitavam as margens, não armavam contas de somar corretamente e não conseguiam usar vírgulas e pontos nas orações e textos.

Realizamos avaliações referentes à organização espacial, dentre elas jogos de encaixes, execução de movimentos na ordem e reprodução de movimentos (representação humana). A estruturação espacial é essencial para que vivamos na sociedade, pois é, através do espaço e das relações espaciais, que estabelecemos relações entre as coisas, observamos, comparamos e vemos as semelhanças e diferenças entre elas. Esta habilidade psicomotora é pressuposto para muitas atividades realizadas nas salas de aula, entre elas a escrita. Ajuariaguerra (1988) acentua que “a escrita é uma atividade motora que obedece a exigências muito precisas da estruturação espacial. A criança deve compor sinais orientados e reunidos de acordo com leis de sucessão que fazem destes sinais palavras e frases. A escrita é uma atividade espaço-temporal muito complexa”. Primeiramente, é importante que a criança perceba a posição de seu próprio corpo no espaço e depois a posição dos objetos em relação a si mesma e, por fim, aprenda a perceber as posições dos objetos entre si. Para que essa percepção seja qualitativa dependemos dos órgãos sensoriais (visão, audição, tato, as sensações cinestésicas de movimento).

Para isso é essencial que desde os períodos iniciais da educação infantil, as crianças explorem muito os objetos ao seu redor, com o objetivo de construir o conhecimento físico, pressuposto para o conheci-

mento lógico-matemático e para o conhecimento social, tão enfatizados por Piaget. Estes três conhecimentos devem ser desenvolvidos pelos professores, possibilitando à criança uma aprendizagem concreta, significativa e conceitual desde a mais tenra idade.

Através das avaliações notamos que as mesmas crianças (60%) que apresentaram dificuldades nas avaliações ligadas ao esquema corporal e à imagem visual do corpo, também evidenciaram dificuldades nas provas de organização espacial. Um dado interessante é que 20% tiveram um desempenho médio e que apenas 10% completaram toda a prova com sucesso. Esse dado mostra que mesmo aquelas que não apresentam dificuldades na leitura e na escrita, também apresentam algumas defasagens na organização espacial, o que evidencia um processo de aprendizagem mecânico, centrado apenas no caráter memorístico, sem um desenvolvimento integral das habilidades cognitivas, motoras e lingüísticas.

Percebemos que muitas crianças não conseguiam se organizar na folha de papel. Espelhavam letras e números e confundiam noções de lugar como em cima, em baixo, ao lado etc. Então, indagando a algumas professoras o que faziam diante dessas dificuldades, uma nos respondeu assim:

“Olha, quando tenho muitas  
crianças espelhando letras e números,  
coloco-as para visualizar muito  
a letra e depois mando copiar.  
Acredito que copiando,  
memorizam o formato da letra e do  
número e não erram mais.  
Na verdade não gosto de fazer isso,  
mas é a única estratégia  
que acho resolver”.

Constata-se nesse depoimento da professora, uma certa angústia, pois sabe que essa não é a melhor forma de trabalhar. No entanto, elas não têm uma devida formação que as informe sobre novas maneiras de auxiliar as crianças em suas defasagens.

Muitos professores, sem saber como agir diante de dificuldades de seus alunos usam estratégias mecanicistas. A este respeito Oliveira (1997) ressalta que muitos “profissionais da educação, preocupados com o desenvolvimento espacial ligado ao ensino da leitura e escrita, em vez de se preocuparem em trabalhar estas noções em nível de movimentação de corpo, de interiorização das ações, tentam começar esta orientação pelos exercícios gráficos. Isto é um erro, pois as crianças apenas aprendem a imitar e decorar o que é exigido delas, sem que haja qualquer transformação mental significativa”.

Esta habilidade de organização espacial deve ser estimulada desde os três anos, se estruturando aos oito ou nove anos, época em que ela é capaz de situar direita e esquerda sobre os objetos. A orientação e a estruturação espaciais são importantes porque possibilitam à criança organizar-se perante o mundo que a cerca, prevendo e antecipando situações em seu meio espacial.

Intimamente ligada à organização espacial está a organização temporal, pois uma pessoa só se movimenta em um espaço e tempo determinado. É a organização temporal que garante ao sujeito uma experiência de localização dos acontecimentos passados, e uma capacidade de projetar-se para o futuro, fazendo planos e decidindo sobre sua vida. Kephart (in Fonseca, 1986) afirma que a dimensão temporal não só deve auxiliar na localização de um acontecimento no tempo, como também proporcionar a preservação das relações entre os fatos no tempo. Na verdade nunca vemos o tempo como tal, percebemos somente os acontecimentos, ou seja, os movimentos e as ações, suas velocidades e seus resultados. Na avaliação da organização temporal, usamos provas basea-

das na linguagem, na organização de seqüências de letras, palavras e frases, organização de imagens, ditado e leitura.

A partir dessas avaliações notamos que 80% das crianças não conseguiram completar as tarefas, apenas 20% tiveram sucesso, necessitando de mediação na realização. Apresentaram, como maior dificuldade, a falta de percepção dos intervalos de tempo ao ler frases e textos, escrita sem ritmo (palavras aglutinadas umas nas outras), lentidão nos registros do quadro e esquecimento das correspondências som-letra.

Realizamos as avaliações referentes à discriminação visual e auditiva de forma integrada, através de ortografia, músicas, parlendas e trava-línguas.

Constatamos que 80% das crianças não conseguiram completar, com sucesso, as tarefas ligadas à discriminação auditiva, pois muitas não reconheciam os fonemas fonologicamente, o que prejudicou o desempenho destas nas atividades, principalmente na ortografia e no trava-língua. Outra dificuldade apresentada pelas crianças se relacionou a uma carência na discriminação visual. Acabavam lendo várias vezes a mesma palavra, ou pulavam frases inteiras, numa verdadeira falta de controle ocular. Um total de 60% apresentaram dificuldades na discriminação visual das letras, evidenciando muitas trocas de letras, tais como: p/b; f/v; t/d; s/z; c/g; o/e; m/n etc.

Diante dessas análises, verificamos que a maioria das crianças que apresentavam dificuldades no processo de alfabetização evidenciavam alguma defasagem nas habilidades psicomotoras referentes à imagem visual do corpo, ao esquema

corporal, organização espacial e temporal, discriminação visual e auditiva.

Como podemos observar, as crianças demonstraram um bom desempenho nas habilidades básicas, tais como coordenação global e fina. Nas habilidades mais complexas, entre elas imagem visual do corpo, esquema corporal, organização espacial, organização temporal, discriminação visual e auditiva, evidenciaram dificuldades.

A partir destes dados podemos constatar que a educação escolar ainda não percebeu a importância da dimensão corporal no seu currículo, por isso usam tarefas altamente mecânicas e “treinamentos” alegando que são atividades psicomotoras. Antes do nosso contato com os professores e com as crianças, estas acreditavam que estavam usando de todos os recursos da psicomotricidade para preparar os alunos para a escrita. Entretanto perceberam que usavam exercícios totalmente desprovidos de significado para as crianças e não eram nem precedidos de um trabalho mais amplo de conscientização dos movimentos, de posturas, visando um desenvolvimento mental maior. Para ilustrar essa concepção, perguntamos a uma professora no início da pesquisa como trabalhava conceitos de dentro/fora, em cima/em baixo e ela respondeu:

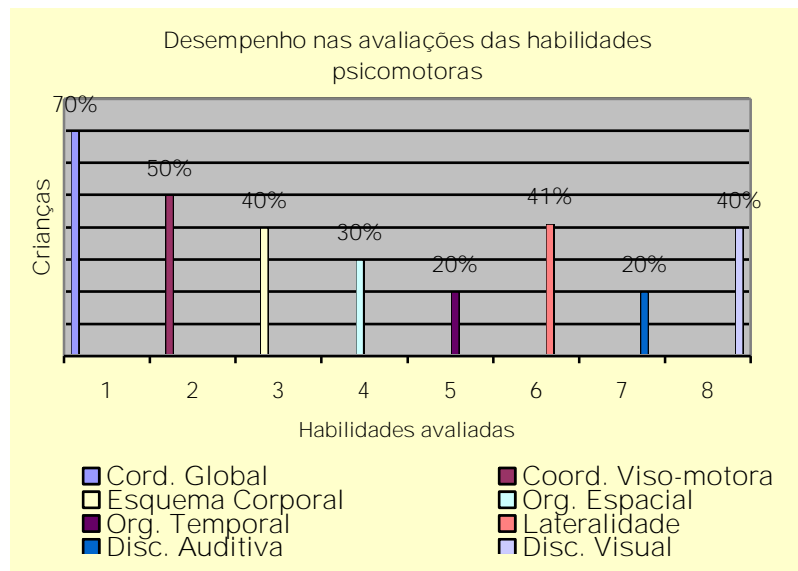


Fig. 06: Desempenho nas avaliações das habilidades psicomotoras

*“Por exemplo, para trabalhar conceitos como em cima/em baixo, uso desenhos numa folha de mimeografo.*

*Coloco o desenho numa mesa e peço para as crianças desenharem uma bola em cima e desenharem um X em baixo.*

*Para trabalhar dentro/ fora, sugiro que colem bolinhas de papel dentro e desenhem fora”.*

O que estes profissionais estavam estimulando era a aquisição de gestos automáticos e técnicas sem se preocupar com as percepções que dariam aos alunos o conhecimento de seu corpo e, através deste, o conhecimento do mundo que os rodeiam. Os exercícios psicomotores, através do movimento e dos gestos, não devem ser realizados de forma mecânica, devem ser associados às estruturas afetivas e cognitivas.

### 2.3. Habilidades Psicomotoras e Alfabetização

Um dos aspectos mais significativos, na concepção de alfabetização nesses últimos anos, é o de reconhecer que este é um processo que se inicia desde os primeiros anos de vida, se intensificando no ingresso na educação infantil, se estruturando nas classes de alfabetização e primeiro ciclo do ensino fundamental.

A partir dessa nova visão, poderíamos nos indagar: de que maneira podemos atender, acompanhar a criança na etapa da educação infantil e primeiros anos de fundamental para que seja agente ativo na aquisição do conhecimento da lecto-escrita, no conhecimento de si mesma e conquiste sua autonomia?

O primeiro aspecto a levar em conta é a criação de um clima, de um ambiente educativo que lhe permita tomar consciência de que existe a partir de suas próprias sensações, percepções e experiências. Nesse am-

biente, os educadores devem organizar atividades a partir dos interesses, atividades e jogos pelos quais os alunos manifestam curiosidade, levando em consideração seu nível de maturidade afetiva, cognitiva e de seu potencial motor.

Para isso os educadores tenham uma formação holística que contemple a observação, a reflexão e a compreensão das necessidades afetivas, cognitivas e corporais dos alunos.

Nesta perspectiva, a educação psicomotora é essencial ao processo de alfabetização e deve ser praticada desde a mais tenra idade, pois o movimento é um suporte que ajuda a criança a adquirir o conhecimento do mundo que a rodeia através de seu corpo, de suas percepções e sensações, além de prevenir as dificuldades e combater a inadaptação escolar.

Essa educação psicomotora, que pode chamar-se, também, de educação pelo movimento, tem que estar voltada para o estímulo às habilidades psicomotoras, tais como: coordenação global, viso-motora, imagem corporal, esquema corporal, organização espacial, organização temporal, discriminação visual e auditiva, pressupostos para a aquisição do ato gráfico e da lecto-escrita.

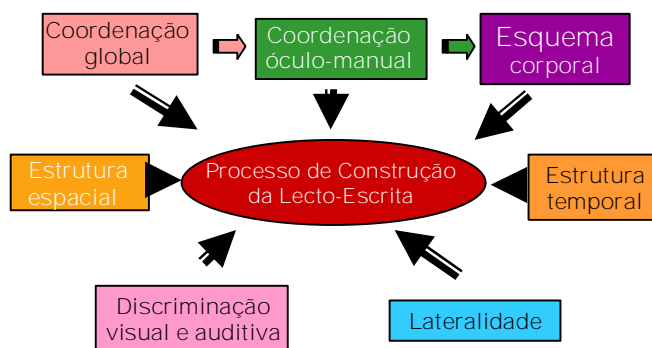


Fig. 7: Esquema das Habilidades Psicomotoras implicadas no Processo de Construção da Lecto-Escrita

Depois de analisar o desempenho de crianças de quatro a oito anos de uma escola da rede pública no que se refere às habilidades psicomotoras, notamos que a prática psicomotora não é uma ação muito realizada no âmbito escola, sendo priorizadas atividades mais dirigidas e voltadas para a aquisição técnica da leitura e escrita.

Entretanto, em encontros com as professoras e durante as entrevistas, levamos estas a perceberem que esta prática psicomotora é fundamental, como um novo auxílio para facilitar o processo de alfabetização. Muitas deixaram claro o desejo de estimular

o desenvolvimento das habilidades psicomotoras, mas alegavam não saber como utilizá-las nas séries iniciais da educação infantil e ensino fundamental.

A partir desta necessidade das professoras, das características corporais das crianças investigadas e das pesquisas sobre os estudos realizados por Le Boulch(1982), Rosa Neto (2002), Oliveira(1997) e Ajuria-guerra(1988) construímos um quadro das habilidades psicomotoras em níveis de graduação progressiva e que atividades podem ser realizadas para desenvolvê-las.

Habilidades Psicomotoras	Atividades
Coordenação Global (0 aos 7anos)	<i>Rolar, rastejar, engatinhar, andar, correr, saltar, transpor, dançar e a realização de jogos imitativos.</i>
Coordenação Fina e Viso-motora ( 2 aos 7anos)	<i>Transportar, agrupar, bater, segurar, encaixar, manipular, atar, desatar, aparafusar, lançar, amarrar, abotoar, riscar, modelagem, recorte, colagem, e escrita (iniciação do movimento de pinça).</i>
Imagem visual ( 3 ½ a 7 anos)	<i>Observação do corpo no espelho e desenho do próprio corpo</i>
Esquema Corporal ( 3 ½ aos 8 anos)	<i>Auto-identificação, localização, abstrata corporal, reconhecimento de todas as partes do corpo.</i>
Lateralidade (6 os 7 anos)	<i>Dominância lateral dos três níveis: olho, mãos e pés.</i>
Organização Espacial ( 5 aos 7 anos) Obs: esta habilidade pode ser estimulada desde os 2 anos, mas se consolida dos 5 aos 7 anos)	<i>Jogos de identificação de cores, formas, tamanhos, direcionalidades e relações espaciais (em cima, em baixo, lado direito, lado esquerdo, atrás, frente, etc. Amarelinha, jogos de comandos, letras e números gigantes para serem observados e manipulados corporalmente.</i>
Orientação Temporal (6 aos 8 anos) Obs: esta habilidade pode ser estimulada desde os 2 anos, mas se consolida dos 6 aos 8 anos)	<i>Perceber os intervalos de tempo entre as palavras, ritmos musicais, danças cantadas, cirandas, construção de instrumentos musicais rítmicos (tambor, chocalho, etc), acompanhamento dos ritmos musicais com o corpo, trabalho com seqüências sonoras e gráficas.</i>
Discriminação Visual e Auditiva (4 anos aos 8 anos)	<i>Jogos de memória com letras e sílabas, dominó de letras e gravuras, quebra cabeças de letras e palavras, seqüências de fatos, leitura de histórias, escritas espontâneas de palavras, reescritas de histórias, músicas etc.</i>

Fig 8: Quadro das Habilidades Psicomotoras a serem desenvolvidas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Entendemos e deixamos claro para as professoras que a prática psicomotora, deve ser entendida como um processo de auxílio que acompanha a criança em seu próprio percurso maturativo, que vai desde a expressividade motora e do movimento até o acesso à capacidade de escrever, ler, ou seja, se comunicar através do ato gráfico.

Em tal processo, são atendidos os aspectos primordiais que formam parte da globalidade em que as crianças estão imersas nessa etapa, tais como a afetividade, a motricidade e o conhecimento, aspectos que irão evoluindo da globalidade à diferenciação, da dependência à autonomia e da impulsividade à reflexão (García Olalla, 1995, in Arnaiz Sánchez, 2003).

Esse trajeto é universal no desenvolvimento de todos os seres humanos e deve ser a base de qualquer projeto pedagógico para a educação infantil e para o primeiro ciclo da educação fundamental, a base para construir uma prática pedagógica coerente. Neste sentido é essencial investir na formação dos educadores, para que entendam a forma como seus alunos reagem e se modificam diante dos estímulos do meio e como se adaptam a ele. Dessa forma, poderão auxiliar seus alunos a tomar consciência de seus próprios bloqueios e procurar suas origens e, principalmente, criar exercícios adequados para um bom desempenho corporal e, conseqüentemente, um desenvolvimento cognitivo, afetivo e lingüístico integral.

Durante nossa pesquisa, percebemos que este ainda é um caminho que as escolas precisam percorrer, investir na formação e informação dos seus professores, pois estes ainda se sentem despreparados para lidar com certas defasagens apresentadas pelas crianças.

A partir dos depoimentos das docentes, percebe-se um desejo, mas também uma angústia, pois já estão sentindo a necessidade de uma formação baseada na

teoria e na prática, num constante processo de reflexão-na-ação e sobre a ação.

"Tenho muita vontade de auxiliar meus alunos, porque sei que algumas dificuldades que alguns apresentam não são graves, mas não sei como fazer.

Acho que seria importante fazermos um curso que oportunizasse uma visão global e integrada das dimensões das crianças.

Hoje estamos percebendo que o corpo é muito importante".

"É engraçado a maneira como as coisas vão e voltam.

Antes a base da educação infantil era trabalhar o corporal da criança, mas era tudo muito solto; depois deixamos o corporal de lado para trabalhar o aspecto cognitivo.

Hoje estamos chegando à conclusão de que ambos, corporal e cognitivo (além do afetivo) têm que estar integrados, um colaborando com o outro.

Porém ficamos perdidas, muitas vezes não conseguimos saber como criar atividades para realizar esta integração.

Talvez se tivéssemos cursos mais práticos, aprenderíamos como fazer".

A concepção das professoras mudou no decorrer da pesquisa. Iniciamos nossa pesquisa no 1º. Semestre de 2003, e já no fim do primeiro semestre muitos professores nos procuravam para dizer que só através de algumas avaliações, muitos alunos melhoraram seus rendimentos escolares. Assim, estas começaram a perceber a importância da prática psicomotora como auxílio na aprendizagem, suscitando o desejo de conhecer mais sobre o assunto e investir na própria formação.

Aliada a isto, no 2º. semestre, quando estávamos finalizando a pesquisa, a se-



cretaria municipal de educação sofreu algumas modificações de lideranças, as quais, cientes da nova visão de ensino, iniciaram uma grande campanha de formação profissional no município, enfatizando nas atualizações para os professores da rede questões relacionadas ao letramento, a alfabetização e a educação psicomotora.

Essa mudança de lideranças foi crucial para que uma nova visão educacional surgisse e pudesse mudar a postura e a maneira de os professores encararem o processo de alfabetização, buscando novas estratégias para realizá-la significativamente.

### III. A MODO DE CONCLUSÃO

A análise do discurso dos professores, as avaliações das habilidades psicomotoras dos alunos, os estudos bibliográficos sobre a relação entre psicomotricidade e alfabetização nos propiciaram constatar alguns achados fundamentais relativos aos nossos estudos bibliográficos, aos objetivos da pesquisa e à problemática levantada:

- n As habilidades psicomotoras, aliadas ao desenvolvimento da linguagem são pressupostos fundamentais para a aquisição do processo de alfabetização e posteriormente do letramento.

---

- n A escola e os professores, geralmente, não possuem uma preparação para lidar e auxiliar os alunos que evidenciam alguma defasagem psicomotora.

---

- n A maioria das professoras ainda usa estratégias muito tradicionais para lidar com as crianças que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

---

- n As professoras alegaram que não têm formação para diagnosticar tais dificuldades. Não sabiam que

estratégias utilizar e para que profissionais encaminhar seus alunos com dificuldades.

- n Almejam uma capacitação maior, ligada ao processo de alfabetização, à psicomotricidade e às dificuldades de aprendizagem.

---

- n Reconheceram a importância do desenvolvimento psicomotor na construção da lecto-escrita.

---

- n Demonstraram muito interesse na capacitação na área de educação.

Diante dessas questões apresentadas pelas professoras, reforçamos a idéia de que a formação do professor é essencial, pois, estando preparado, criará estratégias e atividades para auxiliar os alunos no desenvolvimento de suas potencialidades e defasagens psicomotoras.

É essencial investir na profissionalização teórico-prática dos professores, pois se estes tiverem uma formação holística e conhecerem as propostas eficazes no campo da educação, poderão criar meios para estimular o desenvolvimento dos seus alunos e prevenir, desde os anos iniciais, o surgimento de dificuldades nas classes de alfabetização e séries iniciais do ensino fundamental. Foi evidente a angústia das professoras e a vontade de aprimorar suas práticas.

Outros achados são referentes ao problema que iniciou a pesquisa, sobre as dificuldades psicomotoras apresentadas pelas crianças de quatro a oito anos das classes de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. As crianças evidenciaram muitas defasagens corporais, que prejudicam a aprendizagem da leitura e da escrita. Entre elas destacamos:

- n Dificuldade na percepção do seu próprio corpo.

- ∩ Não reconheciam, não nomeavam e não registravam graficamente a própria figura.

---

- ∩ Imagem visual do corpo fragmentada, sem articulação entre os membros.

---

- ∩ Problemas de postura.

---

- ∩ Cansaço excessivo sentiam dores ao escrever, o que estava relacionado à defasagem na coordenação global.

---

- ∩ Realização fragmentada da escrita; o ato gráfico não era contínuo, não era linear, saíam da linha, ultrapassavam a margem.

---

- ∩ Lentidão para registrar palavras e textos do quadro (defasagem na coordenação viso-motora).

---

- ∩ Dificuldades em coordenar movimentos e seguir comandos ritmados e seqüenciados.

---

- ∩ Dificuldades na discriminação das posições dos sinais gráficos p/b, d/t, q/p, t/f.

---

- ∩ Dificuldades na discriminação auditiva dos fonemas v/f, t/d, c/q, p/b, d/t.

---

- ∩ Reconheciam lentamente os símbolos impressos, evidenciando uma leitura sem ritmo, entonação.

---

- ∩ Escreviam palavras omitindo letras e trocando fonemas (ex. inverno – iverno – inferno - iferno).

---

- ∩ Escreviam com letra ilegível.

---

- ∩ Liam várias vezes uma mesma palavra ou frase, ou pulavam frases inteiras durante a decodificação.

---

- ∩ Decodificavam, mas não compreendiam o sentido do texto.

---

- ∩ Dificuldade na organização do tempo demoravam muito em uma tarefa e não conseguiam terminar as outras por “falta de tempo”.

Diante do exposto, notamos que a maioria das dificuldades evidenciadas pelas crianças não são casos de encaminhamentos psicoterápicos, mas requerem uma reeducação corporal, que pode ser realizada dentro da própria escola pelas professoras, durante as aulas de educação física, nos intervalos e até mesmo articuladas nas aulas de português, matemática e outras disciplinas.

Uma outra questão é que as defasagens no desenvolvimento das habilidades psicomotoras gera conseqüências no desempenho e construção do conceito de leitura e escrita, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental. O que se constata é que no processo de alfabetização o corporal, a linguagem e o cognitivo são aspectos interdependentes e relevantes para o alcance do sucesso na prática da escrita e leitura.

Da análise dos dados, portanto, podemos concluir que é importante que o professor tenha uma formação necessária para observar e perceber as dificuldades ou potencialidades que os alunos apresentam no processo de alfabetização. Antes de rotular ou encaminhar uma criança para um tratamento clínico, o professor deve procurar descobrir o que está acontecendo com seu aluno. Em vez de transferir para outros o encargo de cuidar das suas crianças, ele próprio deve tomar sob sua responsabilidade não só os bons alunos, quanto os que têm mais dificuldades. Dentro de sua área pedagógica é o professor quem tem mais condições de desenvolver um maior aproveitamento acadêmico e não pode se alienar neste sentido.

Ao realizar as avaliações e instruir as professoras sobre como trabalhar com os alunos com defasagens, muitos deles se recuperaram e começaram a avançar no processo de alfabetização. Essa situação é ilustrada pela fala de uma professora:

*"Nossa!  
Depois daquela avaliação  
e das dicas de vocês pesquisadoras, X  
teve uma melhora significativa em sua  
letra, tornou-se mais ágil nas atividades  
de registros e ainda começou a  
ler as primeiras palavras.  
Olha que ele era uma criança  
totalmente apática, lenta e demorava  
a escrever e quando fazia,  
era impossível compreender seus  
rabiscos (letras sem forma).  
Parece que depois ele teve um "estalo"  
e aos poucos foi tomando gosto por  
aprender a escrever e ler.  
É uma pena que ele não tenha feito  
essas avaliações antes,  
pois tem 9 anos e só agora está se  
alfabetizando. Mas valeu a pena. No  
início achei que não ia dar em nada,  
mas ele melhorou muito."*

O depoimento mostra que a proposta de inserção da psicomotricidade na realidade de educação infantil, com objetivos e estratégias definidas é muito válida, pois visa provocar um aumento do potencial psicomotor, afetivo e cognitivo do aluno, melhorando e acelerando sua aprendizagem.

Assim com este estudo, pretendemos mostrar que o estímulo às habilidades psicomotoras desde a educação infantil, pode aumentar o potencial motor do aluno, capacitando-o para uma compreensão de si, dos seus movimentos e do mundo que o cerca, melhorando suas construções acerca da lecto-escrita e dando bases sólidas para suas futuras aprendizagens.

Por isso acreditamos ser extremamente relevante que a escola reforme sua estrutura, investindo na formação dos educadores e numa educação holística, valorizando não só os aspectos cognitivos, lingüísticos e afetivos, mas dando ênfase também ao corporal (psicomotor).

É o professor com sua experiência profissional e prática que tem condições de provocar um maior desenvolvimento cognitivo e propiciar uma alfabetização de qualidade, que leve os alunos a interpretarem textos e também a escrevê-los criticamente.

Cabe ao educador estar sempre aberto às indagações e dúvidas, tratar os alunos com respeito e consideração, respeitar o ritmo de cada um, estimulando-os de forma adequada para que se desenvolvam.

Nosso estudo apresenta, como alternativa, a prática da educação psicomotora no período de quatro aos sete anos (etapa de educação infantil) que tem como objetivos básicos possibilitar:

- n A consciência e o controle do próprio corpo;

---

- n Controle e equilíbrio das funções físicas;

---

- n O uso dos membros do corpo e aquisição da lateralidade;

---

- n Domínio do ato-gráfico;

---

- n Capacidade de interpretação e produção de textos;

---

- n Ritmo e entonação na leitura;

---

- n Habilidade de registros pictóricos.

---

- n Socialização;

---

- n Respeito às regras morais e sociais.

---

- n Capacidade de coordenação de suas ações para atingir um objetivo individual ou proposto.

Espera-se que os dados apresentados e as concepções apresentadas contribuam para uma reflexão sobre a importância da psicomotricidade na educação infantil como suporte para o processo de alfabetização e letramento que acontece nas séries iniciais do ensino fundamental.

Gostaríamos de acrescentar que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve diversos outros fatores que devem ser reconhecidos e pesquisados, tais como o aspecto cognitivo e lingüístico, conforme o esquema ao lado:

O estudo sobre a psicomotricidade e das habilidades psicomotoras básicas para a aquisição da leitura e escrita, não se encerra aqui mas, certamente, suscitará discussões no cenário educacional, servindo como desafio para que outros educadores se lancem a desvendar os caminhos da psicomotricidade ou de outras áreas de conhecimento

que contribuam significativamente para uma alfabetização de qualidade.

Creemos que lançamos um alerta aos educadores junto aos quais realizamos a pesquisa, estimulando-os a almejar uma formação profissional de qualidade.

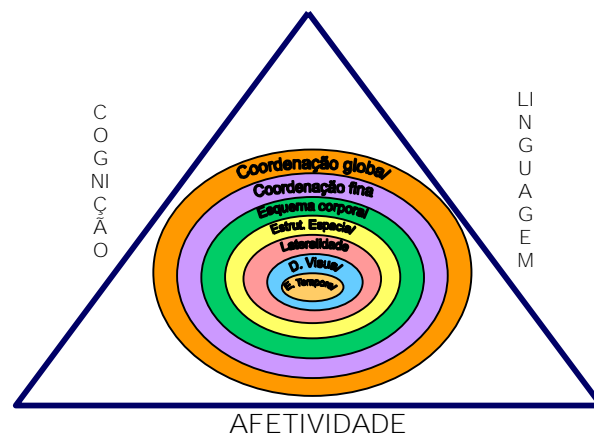


Fig. 9: Processo de alfabetização e letramento

#### Bibliografia

AJURIAGUERRA, J. de. A escrita infantil: Evolução e dificuldades. Trad. de Iria Maria R. de Castro Silva, Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, pp.121.

ARNAIZ SÁNCHEZ, Pilar. A psicomotricidade na educação infantil: uma prática preventiva e educativa. Trad. Inajara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003, pp.13.

BOULCH, Le. O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos. Trad. Por Ana Brizolcra. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, pp.15, 21-25, 101,167.

A educação pelo movimento - A psicocinética na idade escolar. Trad. Por Carlos Eduardo Reis e Bernadina Machado Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

CONDEMARIN, Mabel. A escrita criativa e formal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p.24.

FONSECA, Vítor da. Psicomotricidade. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.86, 144,368.

FERNANDES, M e ANDREU, S. Os segredos da Alfabetização. São Paulo: Ediouro, 2001, p.16.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 10, 35 – 77, 80, 87.

ROSA NETO, Francisco. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, pp.15 – 26.

TEBEROSKY, Ana. Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto, Porto Alegre: Artmed, 2003.